

A SEMIOLOGIA E A ENUNCIÇÃO NA ESCRITA ACADÊMICA: ANÁLISE DE INTRODUÇÕES EM ARTIGOS CIENTÍFICOS DE LINGUÍSTICA

SEMIOLGY AND ENUNCIATION IN ACADEMIC WRITING: AN ANALYSIS OF INTRODUCTIONS IN LINGUISTICS RESEARCH ARTICLES

Maria Carolina Cordeiro Pessôa Bezerra ¹

Universidade Federal Rural de Pernambuco

José Temístocles Ferreira Júnior ²

Universidade Federal Rural de Pernambuco

Resumo: O texto, sob uma perspectiva semiológica-enunciativa, exige a compreensão de que o componente semiológico se refere à criação de sentidos em um sistema significante, enquanto o enunciativo aborda como esse sistema opera na língua. Este trabalho, portanto, analisa o texto acadêmico sob uma perspectiva que une a semiologia aos estudos enunciativos de Émile Benveniste (1988 e 1989), sobretudo no que diz respeito aos procedimentos de sintagmatização e semantização, a fim de perceber aspectos mais amplos da enunciação escrita de introduções de artigos científicos. Dito isso, o objetivo do artigo é de investigar introduções de artigos científicos da área de Linguística, fundamentando-se nos conceitos de sintagmatização e semantização de Émile Benveniste (1988, 1989), com o objetivo de identificar regularidades e particularidades na escrita acadêmica. Foram selecionadas cinco introduções da área, publicadas em revistas Qualis A1 (CAPES 2013-2016). A escrita é analisada tanto como um sistema semiológico, segundo Benveniste, quanto como expressão do ato enunciativo, considerando os aspectos semânticos e semióticos que estruturam os textos. Os resultados evidenciam como os autores manifestam seus posicionamentos e engajamento discursivo por meio de processos de sintagmatização.

Palavras-chave: Enunciação; Texto escrito; Sintagmatização; Semantização.

Abstract: The text, from a semiological-enunciative perspective, requires an understanding that the semiological component refers to the creation of meaning within a signifying system, while the enunciative component addresses how this system operates within language. This study, therefore, analyzes academic texts from a perspective that integrates semiology with the enunciative studies of Émile Benveniste (1988 and 1989), particularly regarding the processes of syntagmatization and semantization, aiming to uncover broader aspects of written enunciation in the introductions of scientific articles. Accordingly, the article aims to investigate the introductions of scientific articles in the field of Linguistics, drawing on the concepts of syntagmatization and semantization proposed by Émile Benveniste (1988, 1989), to identify regularities and particularities in academic writing. Five introductions from the field, published in Qualis A1 journals (CAPES 2013–2016), were selected. The writing is analyzed both as a

¹ Graduada em Letras Português e Espanhol pela Universidade de Pernambuco, Mestranda do programa de Pós-graduação da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Email: mariacarolinacpb@hotmail.com

² Doutor em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba com estágio sanduíche na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, professor do programa de Pós-graduação da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Email: josetemistocles@yahoo.com.br

semiological system, according to Benveniste, and as an expression of the enunciative act, considering the semantic and semiotic aspects structuring the texts. The results highlight how authors express their stances and discursive engagement through syntagmatization processes.

Keywords: Enunciation; Written text; Syntagmatization; Semantization

Submetido em 26 de dezembro de 2024.

Aprovado em 20 de janeiro de 2025.

Introdução

As investigações que amparam o texto, seja ele escrito ou oral, estiveram, em maioria, vinculadas a linguística de texto. Esta, por sua vez, se dedicou a observá-lo como unidade comunicativa completa. Isto é, investigou aspectos como estruturação discursiva, coesão, coerência e etc. Significa então que nomes como Michael Halliday, Teun A. Van Dijk, Norman Fairclough, Robert de Beaugrande e Ruth B. Webber estão sempre em voga quando se percebe o texto nessa perspectiva.

Ainda que não discordemos do olhar desses célebres pesquisadores, é de interesse dessa pesquisa sugerir um viés enunciativo para estudar o texto científico escrito. A Linguística da Enunciação, ainda que possua semelhanças com a Linguística Textual, canaliza sua atenção na linguagem e no papel que ela ocupa na construção da identidade de um sujeito. Aqui, o homem e a linguagem são indissociáveis. Na verdade, o homem está na linguagem, assim como a natureza e a cultura. É através do discurso, enquanto produto da enunciação, que se forma o sujeito. É, portanto, necessário dizer para que se possa existir. Trata-se disso a visão antropológica de língua de Benveniste: “Para que as relações humanas se concretizem e sejam significadas por esse aparato simbólico intermediário, a linguagem precisa realizar-se em uma língua particular, que se atualiza em discurso” (SILVA, 2018, p. 5).

Assim dizendo, a análise de um texto nessa perspectiva leva em consideração toda a historicidade da língua. As mudanças ocorrem e devem ser vistas enquanto marca do humano nesse discurso. É através dessa perspectiva de linguagem e de enunciação, enquanto ato de significação, que o seguinte trabalho está ancorado. Não é estranho, então, que dúvidas como essas surjam: como funciona o estudo de um texto nessa perspectiva enunciativa? Existem elementos já preestabelecidos para uma análise enunciativa, sobretudo em textos acadêmicos? Levando em consideração a rigidez de um artigo científico, como é firmada a sua autoria?

A perspectiva enunciativa oferece uma base consistente para analisarmos como os elementos linguísticos se organizam com o propósito de gerar significado. Para fundamentar essa abordagem, utilizaremos como principal referência teórica as obras *Problemas de Linguística Geral I e II* (PLG I e PLG II). Em especial, destacaremos o capítulo *O aparelho formal da enunciação* e os conceitos de semantização e sintagmatização apresentados por Benveniste (1989). O primeiro conceito diz respeito ao processo pelo qual palavras, expressões e estruturas se moldam para criar significado em contextos específicos de comunicação, enquanto o segundo aborda a forma como os elementos linguísticos se organizam e se combinam na língua. Em síntese, trata-se de investigar como o autor seleciona e estrutura o seu discurso com o objetivo de impactar o interlocutor.

Dito isso, a pesquisa em questão é parte de um estudo em desenvolvimento e se propõe a investigar os mecanismos de sintagmatização e semantização na atribuição de significado e na expressão da subjetividade nas introduções; comparar diferentes estratégias de semantização e sintagmatização em introduções, destacando suas variações e efeitos; por último, explorar a relação entre o uso eficaz desses mecanismos e a qualidade das introduções em termos de clareza, coesão e coerência.

À vista disso, o artigo está organizado em quatro capítulos principais. O primeiro expõe a abordagem enunciativa de Benveniste: os três momentos da reflexão teórica e suas implicações para abordagem da escrita; o segundo apresenta o aparelho formal da enunciação e suas implicações para a enunciação escrita; o terceiro detalha os procedimentos de sintagmatização e semantização em artigos científicos; o quarto se trata das análises e, por último, as considerações finais.

1. A abordagem enunciativa de Benveniste: os três momentos da reflexão teórica e suas implicações para abordagem da escrita

A Linguística da Enunciação, fundamentada na teoria de Émile Benveniste, exige do pesquisador a definição de um ponto de vista e de um corpus específico. Flores (2013, p. 22) explica que os estudos benvenistianos se estruturam em uma rede de conceitos interdependentes e se dividem em três momentos: (1) pessoa e não pessoa; (2) semiótico e semântico; e (3) o aparelho formal da enunciação. No primeiro momento, Benveniste (1995, p. 247) apresenta as relações de pessoa como base para a subjetividade na linguagem. A 1ª e a 2ª pessoas (eu/tu) são únicas e inversíveis entre si, ao passo que a 3ª pessoa (ele) representa a não pessoa, uma forma impessoal. Benveniste argumenta que a

categoria de pessoa transcende a gramática, estando intrinsecamente ligada à estrutura do discurso, evidenciando a oposição como princípio fundamental na definição das relações entre eu, tu e ele.

Para Benveniste (1995), o eu implica aquele que enuncia, enquanto o tu é definido em relação ao eu. Ambos se situam no campo da subjetividade, enquanto o ele marca a não presença discursiva. Flores (2013) elenca três características que diferenciam pessoa e não pessoa: a unicidade específica, a inversibilidade e a predicação verbal, destacando que tudo o que pertence ao domínio eu-tu é predicado pela forma verbal da 3ª pessoa. Esse estudo evolui no texto *A natureza dos pronomes* (1956), onde Benveniste amplia a análise ao distinguir pronomes pessoais em duas classes: aqueles vinculados à sintaxe e os relacionados às instâncias do discurso. O eu, portanto, não é uma realidade referencial no mundo físico, mas uma realidade discursiva, já que cada eu é único e identificado apenas na instância do discurso.

A diferença entre o eu e os signos lexicais é central na teoria benvenistiana. Enquanto os signos lexicais possuem estabilidade referencial, o “eu” varia conforme o locutor, existindo como uma realidade discursiva que remete simultaneamente ao referente e ao referido. Benveniste (1995) define o eu como “a pessoa que enuncia a presente instância de discurso que contém eu”, destacando sua unicidade. O tu, por sua vez, é o alocutário, aquele a quem o discurso é dirigido. Dessa forma, a subjetividade emerge no discurso a partir do ato de apropriação da língua pelo locutor, tornando o sujeito uma consequência desse processo de enunciação. O estudo da pessoa/não pessoa, então, permite compreender como a linguagem se organiza a partir da posição do locutor no ato enunciativo.

Em suma, o primeiro momento da teoria de Benveniste – pessoa e não pessoa – situa a linguagem como manifestação do sujeito, sendo o eu o ponto central da subjetividade. Para esclarecer melhor os conceitos, Benveniste distingue cinco nomenclaturas fundamentais: homem, locutor, sujeito, pessoa e eu. O homem pertence à visão antropológica inicial, o locutor é quem se apropria da língua, e o sujeito é o efeito dessa apropriação. A pessoa é uma categoria linguística que fundamenta a subjetividade, enquanto o eu corresponde ao ato individual de enunciação (BENVENISTE, 1995, p. 288). Essa abordagem estabelece a linguagem como um sistema dinâmico no qual o locutor se posiciona como sujeito e organiza o discurso a partir de si mesmo.

O segundo momento da teoria de Benveniste, denominado semiótico/semântico, proporciona uma abordagem abrangente para compreender a linguagem, considerando tanto a dimensão não discursiva quanto a discursiva. Essa abordagem reconhece a complexidade da comunicação, que vai além das palavras e inclui elementos contextuais e relacionais do ato comunicativo. Benveniste (1969, p. 80) destacou o papel central do sentido na linguagem, o qual não é algo fixo nos signos linguísticos, mas emerge da relação entre o enunciado e o enunciatário no ato de enunciação. Ele diferencia dois tipos de sentido: o sentido linguístico e o sentido enunciativo, sendo o último o foco do momento semiótico/semântico discutido por Flores (2013, p. 128).

No artigo *Os níveis da análise linguística* (1995), Benveniste apresenta a relação entre forma e sentido, lançando as bases para o momento semiótico/semântico. Ele propõe um entendimento dos elementos linguísticos não apenas em níveis formais, mas como parte de procedimentos analíticos fundamentais. Esses procedimentos incluem a segmentação e a substituição, que demonstram como elementos linguísticos podem ser identificados em relação aos demais segmentos e como o falante faz escolhas contextuais e intencionais. Benveniste enfatiza que a relação entre forma e sentido é crucial para a análise linguística, sendo essencial considerar tanto os aspectos semióticos quanto os semânticos, pois o sentido surge dessa integração entre os dois planos.

Por fim, a referência na teoria de Benveniste está presente dentro da própria língua e não fora dela, como era proposto por Saussure. Assim, o sentido é determinado pelo contexto linguístico e social no qual o ato de enunciação ocorre. O conceito de sintagmatização surge como um procedimento chave nesse momento semiótico/semântico, demonstrando como o agente do discurso manipula elementos linguísticos para criar sentido.

O *Aparelho Formal da Enunciação*, como é chamado o terceiro momento dos estudos benvenistianos, marca as últimas palavras de Benveniste no tocante aos estudos da enunciação. É no aparelho que podemos observar a formulação textual de uma definição concreta de enunciação, esta – nas palavras dele – como “este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (BENVENISTE, 1999, p. 163). Essa definição parte de dois conceitos importantes: o emprego das formas e o emprego da língua, divergentes entre si por serem de “mundos diferentes” (BENVENISTE, 1989, p. 81). Isso se justifica porque um se limita às regras que regem as condições sintáticas, morfológicas e quaisquer outras combinações que estejam ligadas

à forma. Já o outro, segundo Benveniste, se trata “de um mecanismo total e constante que, de uma maneira ou de outra, afeta a língua inteira” (BENVENISTE, 1989, p. 82). É neste que o francês se apoia para definir a enunciação, uma espécie de mecanismo que afeta a língua em sua totalidade (BENVENISTE, 1989).

2. O aparelho formal da enunciação e suas implicações para a enunciação escrita

O grande eixo das questões aqui discutidas aponta para um dos maiores construtos de Benveniste: o aparelho formal da enunciação. Em Problemas de Linguística Geral II, o artigo também nomeado de O aparelho (1970), traz noções valiosas para a compreensão do conceito de enunciação. O texto, como pontua Mello (2012, p. 72), apresenta uma ideia global do fenômeno enunciativo e focaliza, mais especificamente, os caracteres linguísticos da enunciação.

Benveniste, então, inicia as discussões no artigo, pontuando a evidência que é dada ao emprego das formas ao realizar descrições linguísticas. Coisa bem diferente é o emprego da língua (BENVENISTE, 1970, p. 82). Este, por sua vez, é pontuado como um mecanismo constante que afeta toda a língua e, por isso, confunde-se com ela.

Explicado isso, Benveniste (1970) realiza uma série de argumentos para classificar a enunciação que, “é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (BENVENISTE, 1970, p. 82). A enunciação, então, não está relacionada ao texto produzido, mas ao momento em que a língua ganha vida, tornando-a funcional e produzindo significados e intenções dentro de um contexto específico de interação. Esse movimento do locutor ao mobilizar a língua de modo a produzir sentido é, justamente, o que determina os caracteres linguísticos utilizados no ato enunciativo. Isto é, a língua não é um sistema abstrato de signos.

Trata-se de um processo e Benveniste (1970) cita três principais:

1. A realização vocal da língua:

Seja em um idioma específico ou de maneira geral, serão percebidos de que forma os sons são emitidos. Trata-se de um estudo no ramo fonético, mas que - como pontua o francês - um mesmo sujeito nunca vai ouvir exatamente os mesmos sons. Essa noção de identidade é “aproximativa”, ainda que você a experiencie novamente e detalhadamente. Isso ocorre porque não existe a possibilidade de repetição de uma situação e da própria enunciação e, se houver, não será exatamente igual.

2. O mecanismo de produção/a semantização:

A questão central desse aspecto é, para o francês, difícil e pouco estudada, por se propor a estudar como “o sentido se forma em palavras, em que medida se pode distinguir entre as duas noções e em que termos descreve sua interação” (p. 83). Ele coloca a semantização da língua no centro das discussões para que seja possível discutir a teoria do signo e a análise da significância. Dito isso, engloba-se aqui - também - os procedimentos linguísticos da enunciação e sua diversidade.

3. A enunciação no quadro formal de realização

Este é o próprio objeto que orienta o artigo, buscando explorar os caracteres formais - podendo ser permanentes ou passíveis de modificação - da enunciação a partir de manifestações individuais. O que vai orientar esses caracteres são as particularidades dos idiomas escolhidos.

Dito isso, ao falar do ato enunciativo, é necessário que uma tríade seja pensada: o ato, as situações e os instrumentos de realização. O locutor é inserido pelo próprio ato. Antes, porém, da enunciação, “a língua é senão a possibilidade da língua” (BENVENISTE, 1970, p. 83). É posterior a isso que a língua efetua-se numa instância de discurso: o locutor ao enunciar-se, alcança um ouvinte que - ao compreender - responde com outro ato enunciativo. É inegável que - ao fazer isso - ao se declarar sujeito/locutor, ele “implanta o outro dentro de si” (BENVENISTE, 1970, p. 84).

Cada locutor se apropria desse aparelho formal, que é a língua, para marcar a sua posição. Para isso, ele utiliza dois mecanismos importantes: índices específicos e procedimentos acessórios. Estes já citados e brevemente explorados em seções anteriores.

A relação Aparelho formal da língua e Aparelho formal da enunciação existe de forma inacabada. Não há, até então, ocorrência - com exceção do título - do nome: aparelho formal da enunciação. Utiliza-se o primeiro a fim de construir o segundo, como coloca Flores (2013, p. 168): “É errado, então, supor que o locutor se apropria do aparelho formal da enunciação. Ele, na verdade, o constrói, a cada enunciação, a partir do aparelho formal da língua”.

Ainda em Flores (2013, p. 168):

Estão listados em O aparelho... os seguintes *índices específicos*: “A emergência dos índices de pessoa (a relação eu-tu)” (PLG II: 84); os índices de *ostensão* (tipo este, aqui, etc.), termos que implicam um gesto designa o objeto ao mesmo tempo que é pronunciada a instância do termo” (PLG II: 85); as “formas temporais, que se determinam em relação a Ego, centro da enunciação” (PLG II: 85), isto é, “os ‘tempos’

verbais cuja forma axial, o ‘presente’, coincide com o momento da enunciação, fazem parte deste aparelho necessário” (BENVENISTE, II: 85). (FLORES, 2013, p. 168).

Inúmeros são os estudos que se dedicaram a estudar como os índices e os procedimentos podem se encaixar nos mais variados estudos de texto, sejam eles escritos ou orais. Todavia, o início de suas discussões estão fortemente atreladas ao gênero oral. Escritores como Aresi (2011), Silva e Stampf (2012), Flores (2018), Ferreira Junior (2009) e outros, se dedicaram a expandir os construtos da teoria enunciativa aos textos escritos, dentre os mais variados gêneros.

Existe, porém, uma ausência significativa dos estudos enunciativos voltados para os gêneros acadêmicos, fazendo com que nomes como Nunes e Flores (2012), Oliveira (2015), Oliveira (2017) e etc., ganhem destaque e investiguem a construção de alguns textos de grande renome dentro da academia, como o artigo científico e suas seções. Além disso, a marcação de autoria desses textos.

Produções acadêmicas escritas que visam expandir conhecimentos e marcar-se no mundo intelectual possuem estruturas estabelecidas e uma linguagem específica. O estudo da enunciação nessa perspectiva tem sido orientado para investigar como os escritores utilizam os recursos linguísticos para a construção do sentido.

3. Procedimentos de sintagmatização e semantização em artigos científicos

A escrita, como propõe Pereira (2013, p. 213), é uma eterna negociação. Para ele, é através da palavra escrita que se obtém o substrato para a verdade, é porto seguro para evitar o deslizamento contínuo do tempo. A palavra, nesse caso, é o próprio tempo, é o mundo encarnado. A palavra faz existir. Só existe aquilo que se pode dizer, como em um arremedo da criação divina. A palavra é o cerne da linguagem, e a linguagem é a casa do ser (PEREIRA, 2013, p. 213).

Dito isso, em seu ensaio intitulado *A escrita acadêmica - do excessivo ao razoável*, Pereira (2013) colabora para esclarecer um ponto importante dessa discussão: a diferença entre a escrita acadêmica e a escrita científica. Essa colocada enquanto uma ‘escrita propositalmente arranjada para produzir efeitos de verdade’. E, esta, estritamente ligada às teses, artigos, trabalhos de conclusão e etc. Possui fins educativos, cuja proposta não é limitada a um grupo, mas abarca todos aqueles que estão - majoritariamente - dentro da academia ou minimamente entusiastas da área.

A escrita científica, por sua vez, está para além disso. Ela “busca dar corpo à interpretação objetiva da realidade, superando o imediatismo da opinião e do senso comum, buscando expedientes de universalização e generalidade” (PEREIRA, 2013, p.

2017). Livra-se das dúvidas e do sujeito para dar voz apenas ao texto, que está sendo colocado acima de qualquer questão. É a partir da escrita científica que floresce, então, a escrita acadêmica. As palavras e sua organização devem promover a compreensão do objeto em si.

Por isso, parte significativa do processo de transição do ambiente escolar para o ambiente acadêmico é adaptar-se à produção de gêneros que tem como propósito fomentar a sede de pesquisa nos estudantes, além de compreender que essa escrita – segundo Bianchetti (2008, p. 262) – “abre as portas para ser o caminho de contribuição com a solução de esclarecimentos individuais e coletivos e como suporte para a inclusão histórico-social no mundo investigativo”. Todavia, é inegável a deficiência que existe por parte dos discentes no que diz respeito à organização estrutural dos textos.

Em outras palavras, à medida que estudantes e pesquisadores avançam na academia, ressaltam em seus textos aspectos de letramento que englobam não somente a superficialidade do produto escrito, mas aspectos mais profundos da coesão textual, como a referência e a enunciação. Ambos os responsáveis pela produção de sentidos do texto, envolvendo tanto elementos textuais quanto contextuais, fazendo com que o texto seja “um sistema de conexões entre vários elementos, tais como: sons, palavras, enunciados, significações, participantes, contextos, ações etc” (MARCUSCHI, 2008, p. 80).

Por isso, retomando discussões anteriores sobre o ato individual de utilização, que é a enunciação segundo o olhar benvenistiano, recordemos que ele distingue a enunciação falada da enunciação escrita. Aqui há duas distinções pontuadas por Oliveira e Ferreira Júnior (2020, p. 3):

1. A temporalidade partilhada entre locutor e alocutário e a situação da realização da enunciação escrita são díspares quando comparados à enunciação falada.

Isso implica reconhecer que as marcas de enunciação escrita e falada, em seus enunciados, serão diferentes.

2. Não é um processo meramente mecânico, muito menos restrito ao campo linguístico, justamente por estar situado em esferas discursivas nas quais são organizadas as atividades humanas e por envolver mecanismos de diferentes naturezas.

Ou seja, adquirir habilidades na produção escrita envolve também adquirir conhecimentos associados a ela e compreender os métodos de construção discursiva relacionados ao contexto em que ocorrem, assim como os recursos necessários para sua

execução. Falar em construção discursiva é também falar na construção de sentidos e referências. O sentido está diretamente ligado à referência e esta, por sua vez, ao processo de semantização. Este, em seguida, é diretamente ligado ao mecanismo de sintagmatização, tendo em vista dar conta do “avanço” dos signos linguísticos.

No Dicionário de Linguística da Enunciação (FLORES et al, 2009, p. 216), sintagmatização é o “trabalho realizado por quem utiliza a língua, relativo ao estabelecimento de inter-relações entre as palavras que constituem o enunciado” e semantização como “o processo relativo ao uso da língua para atribuição de referência à atitude do sujeito e à situação enunciativa” (FLORES et al, 2009, p. 205). Esta relação sintagmática cria, portanto, a presença ativa do sujeito que - ao enunciar-se - concede referência a si e/ou a situação enunciativa. Veremos como esses procedimentos são evidenciados nas introduções analisadas.

4. Análise

Antes da realização de uma breve análise enunciativa, é interessante considerar o que Augustine e Leite (2018) pontuam sobre regimes e coerções que são fundamentais para a construção de um texto. No caso da enunciação, esses regimes orientam “o modo como a transposição da língua em escrita pode e deve acontecer” (AGUSTINI; LEITE, 2018, p. 351). Geralmente, esses regulamentos dizem respeito ao: 1) Gênero escolhido; 2) Ambiente de circulação; 3) Finalidade.

Embora não seja nosso enfoque, no quesito estrutura, é necessário observar o tamanho da introdução das introduções escolhidas enquanto uma forma de contrariar a ideia de que introduções devem – obrigatoriamente – ser mais longas. A introdução, enquanto seção de abertura, deve condensar as principais informações e discussões que o artigo vai discutir. Dessa forma, aqueles movimentos discutidos na seção anterior a respeito das informações que uma introdução deve oferecer, como, por exemplo, o delineamento dos objetivos ou mesmo a indicação da estrutura do trabalho, são pontos facilmente localizados e de grande importância em cada uma das introduções que analisamos.

No quesito textualidade, como vamos observar nos trechos e na breve análise apresentada abaixo, levando em consideração o que a Academia e os principais portais de publicação desse gênero - como revistas qualificadas – pedem, é possível visualizar um eu locutor (a Academia), agir sobre o tu (o escritor/aluno), exigindo um padrão de qualificação baseado nos preceitos de uma comunidade acadêmica específica. Nessa

relação, quando esse aluno escreve uma introdução, ele passa a ser esse locutor que tenta agir para convencer esse outro da relevância de sua pesquisa que, por sua vez, é apresentada na seção de introdução. Esta, logicamente, atendendo aos padrões solicitados pela comunidade.

Finalmente, para situar, as introduções aqui foram publicadas em revistas de Qualis A1 no quadriênio avaliativo CAPES 2013-2016. À luz de esclarecimento, cada uma das introduções serão chamadas de Intro 1, Intro 2, Intro 3, Intro 4 e Intro 5. É importante pontuar que esta análise se trata de uma abordagem escolhida levando em consideração o gênero selecionado. Vejamos a primeira introdução (Intro1):

Figura 1. Introdução 1.

TÍTULO: ESTILIZAÇÃO DE GÊNERO E IDEOLOGIAS LINGÜÍSTICAS: CONEXÕES TEÓRICAS.
(Revista Cad. Est. Ling., Campinas, v.62, p. 1-13, e020003, 2020).

Neste artigo, discuto as conexões teóricas entre estilização de gênero (BUTLER, 2019 [1990]) e ideologias linguísticas (IRVINE, 1989; BLOMMAERT, 2014; CAMERON, 2014). Meu objetivo principal é compreender de que forma as ideologias linguísticas podem atuar nas estilizações para produzir e legitimar estereótipos de gênero. Também procuro mostrar a utilidade de alinhar os estudos sobre esses dois fenômenos para a pesquisa em Linguística Feminista. De forma a mostrar a atuação dessas questões no contexto ocidental vigente, exponho, sem aprofundamento, as engrenagens do que Deborah Cameron (2009; 2010; 2014) chama de novo biologismo.

Para isso, retomo conceitos e categorias de análise que julgo pertinentes para esta discussão: performatividade e atos de fala (AUSTIN, 1962) e distinção sexo/gênero (RUBIN, 1975). Ademais, faço um panorama do posicionamento do feminismo (PISCITELLI, 2002) e da Linguística Feminista diante das diferenças entre os gêneros (CAMERON, 2005; OSTERMANN; FONTANA, 2010).

Na seção a seguir, inicio esse panorama trazendo as mudanças do pensamento e ativismo da segunda geração de feministas ocidentais e a constituição dos primeiros estudos linguísticos feministas.

Fonte: Revista de Cad. Est. Ling.

Logo em seu primeiro parágrafo, podemos observar um movimento que acaba citando pesquisas anteriores, algo comum e relevante em introduções. A partir das primeiras palavras, já é iniciado o processo de situar o leitor do texto, nesse caso um artigo, e através da ocultação desse eu, que acompanha o verbo discutir, ele pontua as teorias que serão utilizadas: a estilização de gênero e ideologias linguísticas. É interessante perceber aqui que, mesmo não estando explícito, é instaurado um “tu”, e – por consequência – é instituído o seu lugar de autoria. O uso da terceira pessoa é marca desse gênero acadêmico. E, embora algo esteja se repetindo, afinal já houve outras pesquisas que uniram as teorias propostas no texto, nada é dispensável na língua, afinal o modo de utilizá-la nunca se repete.

Assim como na introdução 1, as demais introduções também não utilizam linguisticamente os índices específicos como, por exemplo, os pronomes pessoais, vejamos:

Intro2: “Nesta pesquisa, reflete-se acerca do plano de texto do gênero *artigo científico*, tendo como principais objetivos identificar e sistematizar as suas propriedades com vista a uma aplicação ao ensino”.

Intro3: “Nesse complexo contexto, **objetivamos** descortinar o lugar das áreas em pauta em dois LD de português voltados para o 6º ano do Ensino Fundamental (...)”.

Intro4: “O presente artigo busca entender um jornal impresso como uma instância de enunciação complexa, na qual estão presentes diferentes agentes enunciativos que, tomados em conjunto, constituem um só superenunciador que, por sua vez, assume a posição de responsabilidade discursiva frente ao enunciado”.

Intro5: “Este artigo busca estabelecer alguns eixos temáticos apropriados à realização de investigações historiográficas sobre saberes, ideias, questões, teorias e modelos pedagógicos (...)”.

O que possibilita enxergar a presença oculta desses índices específicos é, justamente, a sintagmatização. Trata-se da capacidade de situar a presença desse interlocutor, ainda que ele não reclame lugar de destaque nesse gênero. O locutor projeta a imagem desse alocutário leitor, criando esse ato de linguagem daquele que quer compreender do que se trata o artigo em questão. A partir dessa compreensão, entende-se a ocorrência desse processo de subjetividade.

Dando continuidade à análise, na Intro 1, diferente do início do texto, já percebemos a segunda oração sendo iniciada por um pronome possessivo, assegurando mais claramente a autoria desse texto. Esse movimento não é comum nesse gênero. Apenas a intro 1 apresenta essa ocorrência. O pronome “**meu**” vem acompanhado do verbo **objetivo**, a fim de iniciar o processo de motivação por trás desse trabalho. O locutor, que nesse caso já passou a ser o texto escrito, esse eu institucional, responde para o leitor a seguinte pergunta: Qual a razão da sua existência?

O uso dos verbos no presente do indicativo como discuto, procuro, exponho e etc., revelam o tempo linguístico. Esse uso revela a concomitância entre o que foi dito com o próprio momento da enunciação. Nas cinco introduções é possível perceber o uso do indicativo como forma de deixar que o próprio texto conte algo e se desvende para o leitor. Já o uso de expressões como “está” e “é”, percebe-se um juízo de valor, como na **Intro5:** “o artigo **está** organizado em outras oito partes”, também na **Intro2:** “é importante que as propriedades do *artigo científico* sejam conhecidas pelos estudantes do

ensino superior” e na Intro 3: “o lugar reservado a essas áreas no currículo oficial brasileiro é insatisfatório”.

O que possibilita enxergar a presença oculta desses índices específicos é, justamente, a sintagmatização. Essa capacidade de situar a presença desse interlocutor, ainda que ele não possua um lugar de grande destaque nesse gênero. O locutor projeta a imagem desse alocutário leitor, criando esse ato de linguagem que quer compreender do que se trata o artigo em questão. A partir dessa compreensão, entende-se a ocorrência desse processo de subjetividade.

Considerações finais

Durante toda a explanação a respeito do conceito de enunciação, foi pensado em sua aplicação no e para o texto, levando sempre em consideração o caráter individual de uma análise enunciativa. Nesse caso, foi possível perceber – principalmente – o efeito de autoria, ainda que de forma subjetiva, criando-se e marcando-se no discurso acadêmico.

Sendo assim, por meio da análise realizada, ficou evidente as contribuições que a enunciação oferece para produções de textos mais coerentes e significativos, fazendo com o estudante/escritor seja capaz de atestar sua autoria na e por meio da linguagem. As análises revelaram como o discurso acadêmico, mesmo cercado de formalidade e objetividade, não é unidirecional. Ele é um campo dinâmico e interativo onde o locutor e o interlocutor constroem mutuamente por meio das estratégias linguísticas que estabelecem tanto implicitamente quanto explicitamente uma relação complexa de comunicação. A partir da perspectiva de Benveniste (2006), a construção do sujeito e reconhecimento do interlocutor reflete a essencialidade da comunicação acadêmica que está pautada em um interminável diálogo, fundamental para a transmissão do saber. É fundamental dizer que existe a necessidade de estudos que voltem o seu olhar para a união de textos acadêmicos e a teoria enunciativa, tendo em vista as mudanças que estão ocorrendo com o decorrer dos anos na escrita e na análise de textos.

Referências

AGUSTINI, C. L. H.; LEITE, J. de D. Benveniste e a teoria saussuriana do signo linguístico: o binômio contingência-necessidade. *Revista Línguas e Instrumentos Linguísticos*, v. 30, p. 113-129, 2012. Disponível em: <http://www.revistalinguas.com/edicao30/artigo7.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2024.

AGUSTINI, Cármen Lúcia Hernandez; LEITE, João de Deus. Dos relatos reflexivos do Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa: a questão do regime enunciativo.

Signum: Estudos da Linguagem, Londrina, v. 21, n. 3, p. 346-366, dez. 2018.
Disponível em: <https://doi.org/10.5433/2237-4876.2018v21n3p346>. Acesso em: 10 ago. 2024.

ARESI, F. Os índices específicos e os procedimentos acessórios da enunciação. *ReVel*, v. 9, n. 16, p. 262-275, 2011. Disponível em: http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_16_os_indices_especificos.pdf. Acesso em: 18 dez. 2024.

BENVENISTE, É. *Problemas de linguística geral I*. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luiza Neri. Campinas: Pontes, 1995.

BENVENISTE, É. O aparelho formal da enunciação. In: _____. *Problemas de linguística geral II*. São Paulo: Pontes, 1989. Cap. 5, p. 81-92.

BENVENISTE, É. *Últimas aulas no Collège de France (1968 e 1969)*. São Paulo: Editora Unesp, 2014 [1968-1969/2012].

BENVENISTE, É. A natureza dos pronomes. In: _____. *Problemas de linguística geral I*. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 1995 [1956].

BENVENISTE, É. *Problemas de linguística geral II*. O aparelho formal da enunciação. Campinas: Pontes, 1999. BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral*. Da subjetividade na linguagem. Campinas: Pontes, 1989, v. 1.

BENVENISTE, É. O aparelho formal da enunciação. In: _____. *Problemas de linguística geral I*. 5. ed. Campinas: Pontes, 2005 [1970].

FERREIRA JÚNIOR, J. T. A dêixis pessoal nas interações mãe-bebê: a constituição do sujeito no processo de enunciação. 2009. 124 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Ensino) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

FLORES, V. do N. *Introdução à teoria enunciativa de Benveniste*. São Paulo: Parábola, 2013.

FLORES, V. do N.; et al. *Dicionário de linguística da enunciação*. São Paulo: Contexto, 2009.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

MELLO, V. H. D. de. A sintagmatização-semantização: uma proposta de análise de texto. 2012. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, UFRGS, Porto Alegre, 2012.

OLIVEIRA, A. F. C. de; FERREIRA JÚNIOR, J. T. Procedimentos de sintagmatização em relatórios de visita técnica produzidos por discentes de engenharia civil: uma perspectiva enunciativa. *Revista CONEIL, Anais eletrônicos*, Recife: UFRPE, 2020.

PEREIRA, M. V. A escrita acadêmica – do excessivo ao razoável. *Revista Brasileira de Educação*, v. 18, n. 52, p. 213-244, jan./mar. 2013.

SILVA, C. L. da C. S. O estudo do texto em uma perspectiva enunciativa de linguagem. *D.E.L.T.A.*, v. 34, n. 1, p. 419-433, 2018.

SILVA, C. L. da C.; STUMPF, E. M. O papel dos índices específicos e dos procedimentos acessórios na enunciação e na metaenunciação da criança. *Revista Desenredo*, v. 8, n. 1, 2012. Disponível em: <https://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/2642>. Acesso em: 18 dez. 2024.